



Apresentação

Eduardo Morettin¹

O número 52 de *Significação: Revista de Cultura Audiovisual* traz dossiê intitulado “História e Audiovisual”, organizado por Eduardo Morettin e Mônica Almeida Kornis, e as seções “Artigos” e “Resenhas”.

O segundo dossiê “História e Audiovisual”² traz diferentes contribuições para a revisão e o aprofundamento da história e da historiografia do cinema e audiovisual. São estudos marcados por extensa pesquisa documental, em leituras dedicadas à representação fílmica do passado e às diferentes manifestações no campo da cultura audiovisual que procuram refletir sobre as catástrofes naturais provocadas pelo capitalismo contemporâneo, como foi o caso recente da tragédia de Mariana (MG).

O dossiê se inicia com o trabalho de Luiz Felipe Mundim que, em “*As misérias da agulha* da cooperativa Cinema do Povo na França: uma experiência feminista no primeiro cinema”, recupera uma iniciativa pouco estudada – mesmo na França – de intervenção nos debates políticos por meio do cinema a partir das ações do coletivo anarquista Cinema do Povo. Entre em 1913 e 1914, percebendo que era preciso agregar o cinema aos demais instrumentos de luta e convencimento políticos, o coletivo Cinema do Povo realiza *As misérias da agulha* (1914), de Raphaël Clamour, filme que traz Musidora, mais tarde conhecida pelo seu papel como Irma Vep em *Les vampires* (1915), de Louis Feuillade. A obra de Clamour retrata a exploração da mão de obra feminina na fábrica, situação agravada pelo assédio sexual, podendo ser considerada uma das primeiras manifestações feministas do cinema³. Já o

¹ Professor de História do Audiovisual na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Autor de *Humberto Mauro, cinema, história* (São Paulo: Alameda, 2013). Pesquisador Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq).

² O primeiro dossiê foi publicado na edição 51.

³ *As misérias da agulha* foi uma produção alternativa, realizada fora do sistema industrial. Dentro dele, na França, tivemos o trabalho pioneiro de Alice Guy, que, desde o final do século XIX, dirigiu inúmeros filmes para a Gaumont.



artigo de Rafael Zanatto, “A formação dos estudos históricos de cinema na Europa segundo Paulo Emilio”, examina detidamente a constituição dos estudos históricos na França, relacionando esse momento de formação às preocupações de Paulo Emilio Salles Gomes com o campo nos anos 1950. O terceiro artigo do dossiê é de Laura Cánepa e Tiago Monteiro e se intitula “*Noite em chamas*, os anos 1970 sob as lentes de Jean Garrett”. Trata-se de importante contribuição sobre o cinema erótico paulista e sua relação com o Brasil do período, principalmente no que diz respeito às “tensões de classe e gênero”, aspecto que demanda maiores investigações. Em “O vídeo independente brasileiro: crítica política na Olhar Eletrônico”, Regilene Ribeiro recupera a trajetória da videoarte no Brasil, discutindo o engajamento político na década de 1980 e as relações do programa com a televisão comercial e contexto. No artigo, a autora recupera a atuação de Ernesto Varela, personagem criado por Marcelo Tas, em performance sempre marcada pela ironia em suas reportagens sobre o dia a dia em Brasília. Ricardo Lessa Filho, em “Retratos de identificação: a imagem-arquivo como morada da memória”, examina o documentário de Anita Leandro, realizado em 2014. A diretora emprega em seu filme fotografias dos presos políticos pertencentes aos arquivos da repressão, conciliando a montagem desse material com entrevistas dos que sobreviveram à tortura. O autor examinará o estatuto destas “imagens-arquivo” tornadas prova da barbárie cometida pelo agentes do poder. Com “Guerra Fria e liberdades civis, ontem e hoje em *Ponte dos Espiões* (2015)”, de Fábio Pinheiro, temos outro contexto sendo mobilizado – Steven Spielberg, seus filmes históricos e a representação da Guerra Fria – por meio da análise fílmica: as questões de ordem geral. O dossiê se encerra com Rogério Oliveira e seu artigo “A vida e a lama: três cinematografias seduzidas pela memória”, em que as relações entre cinema e memória são tematizadas a partir de três produções audiovisuais (reportagem televisiva, experimento em realidade virtual e documentário) que tratam do rompimento da barragem em Mariana, em 2015.

A seção “Artigos” traz nove textos. O primeiro deles é de Denilson Lopes – “Um calafrio anda pelo meu corpo: Mário Peixoto na Inglaterra” –, que examina o diário escrito pelo diretor de *Limite* (1931), durante 1926 e 1927, período em que permaneceu na Inglaterra. Lopes articula a análise desse texto, ainda hoje inédito, com



fotos dessa viagem. Além do artista em formação, interessa ao autor observar a “sensibilidade marcada por uma constante encenação de si, por uma melancolia existencial e a sensação de não pertencimento”, repensando esse percurso como “uma experiência *queer* ainda muito silenciada no debate sobre o Modernismo no Brasil”. Silvia Hayashi, em “O cinema e a captura tecnológica do tempo”, reflete sobre o tempo cinematográfico, articulando-o aos temas da arqueologia da mídia e dos estudos de mídia comparada. Em “Escuridão, resistência e silêncio em *Le silence de la mer*, de Jean-Pierre Melville”, Waldemar Dalenogare Neto examina, nesta produção de 1949, as conexões entre estética e história a partir da representação da resistência francesa na Segunda Guerra Mundial e do diálogo do filme com o cinema realizado nos anos 1940. Roney Gusmão, em “*Curtindo a vida adoidado*: o hedonismo pós-moderno e a moralidade neoliberal da era Reagan”, reflete, como o título indica, sobre a forma pela qual os valores em pauta na sociedade norte-americana dos anos 1980 são veiculados no filme de John Hughes. Javier Campo aborda, em “Tensión en el terreno etnográfico. El pensamiento de Jorge Prelorán”, os ensaios e entrevistas do cineasta argentino, muito ativo entre as décadas de 1960 e 1990 e pouco conhecido no Brasil, recuperando “sus reflexiones críticas sobre el lugar de la antropología, la política y los métodos más apropiados para la realización de films ‘al servicio’ de los otros”. O universo da legislação audiovisual é o tema do artigo de Kátia Morais, que, em “Cota de tela (Lei nº 12.485/2011) e a produção independente na TV paga”, debruça-se sobre os efeitos da referida lei a fim de “compreender o que caracteriza os fluxos de parcerias constituídos e, a partir disso, o que esses resultados dizem sobre a aplicação da cota de tela na TV Paga brasileira”. Ludimilla Wanderlei, em “Na margem da história: fotografias analógicas, artistas e imagens erradas”, dedica-se ao estudo de “fotógrafos que utilizam o suporte analógico, sobretudo pelo caráter experimental ensejado no uso de câmeras artesanais e na investigação dos atravessamentos entre cinema, fotografia e pintura”, como Paolo Gioli e Dirceu Maués. A articulação entre Bakhtin e cinema ganha corpo em “A singularidade de *Vereda Tropical* sob um olhar bakhtiniano”, artigo de Alexandre Silva Guerreiro, centrado no exame do filme de Joaquim Pedro de Andrade, episódio que integra *Contos Eróticos* (1977), censurado por dois anos em virtude do filme dirigido pelo diretor de *Macunaíma* (1969). Por fim, Ana Carvalho, em “Enfatizando o processo: presença



na performance audiovisual”, trata das performances audiovisuais a fim de “descrever como as mudanças na tecnologia levam a mudanças na presença do artista”, principalmente no que diz respeito à formação de um banco de imagens como registro de prática processual e documentação do artista.

A última seção é a dedicada às resenhas. Carolina Di Giacomo aborda o livro *Public spectacles of violence: sensational cinema and journalism in early twentieth-century Mexico and Brazil*, de Rielle Navitski, e as “diferentes formas de espetacularização da violência no cinema silencioso dos dois países”. Isadora Remundini discorre sobre *Uruguay se filma: prácticas documentales (1920-1990)*, livro organizado por Georgina Torello, a partir dos trabalhos realizados pelo *Grupo de Estudios Audiovisuales (GEstA)*, contribuição importante a respeito das relações entre a história e o cinema documental em suas diferentes vertentes e momentos.

Esperamos que este número contribua para o adensamento dos estudos no campo da cultura audiovisual.

Boa leitura!